



# GIL VICENTE

Semanario defensor dos interesses locais  
(Humorístico, Litterario e Noticioso)  
Propriedade da Empreza "Gil Vicente",  
Redacção e Administração:  
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



VISITACÃO  
*Pardiez! siete arrepolones  
Me pegaron a la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascos*  
VÁQUEIRO

Director: Editor:—Arthur Fernandes de Freitas  
Redactor principal:—Eduardo de Souza  
Administrador:—A. Faria.  
Secretario de redacção:—Simão Pinheiro R. Guimarães  
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse.

## Curtesa de vistas!...

Um articulista do nosso colega «Alvorada» parece não ter gostado muito da nossa conduta, principalmente da expendida em o numero de 16, no artigo intitulado «A mulher». Acha exquisiteso, deixem passar o termo, que somente agora nos preocupemos com a mulher politica, quando até á data nos não importamos nada com isso. E parece querer mostrar que o que nos fez sair de tam grande silencio, foi o facto, banal em si e nas consequencias, de algumas senhoras de Guimarães terem andado em enfeites teatraes e outros coisas mais, com o que nada temos.

Que nos importam a nós homens, coisinhas desta natureza? Que enfeitem teatros, ruas ou praças, que falem ou escutem, a nossa obrigação de homem que se presa, é ter por elas, pela mulher portugueza, a veneração que merece.

Dissemos e dizemos e diremos sempre, que a mulher não deve ser politica, pela razão simples, mas muito simples, de não perceber nada do assunto. Nisto de politica, presado colega, a mulher só é alguma coisa quando o homem é menos que ela. E olhe, repare bem que isto que dizemos não é nosso, é de Chaumette, um jacobino do seculo passado. E olhe mais uma vez; o termo jacobino, aplicado a este cavalheiro não indica nome feio. Não. Diz somente que este homem pertencia a uma sociedade que fazia as suas reuniões num antigo convento de dominicanos. Nada mais.

A mulher não deve ser politica; nem monarchica nem republicana. Deve ser mulher. E' esta a razão porque escrevemos aquelas linhas e escreveremos muitas mais. Não gostam? Pouco nos incomoda isso. Não andamos aos gostos de ninguém.

Nós contudo, não viriamos ocupar espaço no «Gil Vicente» pela simples causa dos reparos do caro articulista, se eles se referissem e por ai ficassem, á nossa pretendida má conduta, porque dela só temos que dar contas ao bom senso. Ele é o nosso guia. Mas o senhor articulista alonga-se em considerações que não devem ficar sem resposta.

E', presadissimo colega, independente o nosso jornal. E'. E se o nosso artigo do numero citado, fosse lido com atenção, não suscitaria tantas interrogações. Nele acusavamos uma imparcialidade grande. Para nós, tanto merecimento tem umas como outras.

Ao nosso juizo a respeito da mulher, descontamos sempre a qualidade de politica que nunca lhe reconhecemos nem reconheceremos, e avalia-la-hemos unicamente pelas suas acções. Elas é que ham de julgá-la. Nada mais.

Não poderiamos nunca, porque ninguém fala antes de nascer, censurar certos actos da mulher, que se deram muito antes do «Gil Vicente» ver a luz da publicidade.

Queria talvez que nós censurassemos as que choraram, na ocasião da partida das tropas para França? Porquê? Então o direito de chorar deve ser negado a alguém? Parece-nos que não. E mesmo nessa altura, ainda o nosso semanario estava no mundo dos possiveis. Mas, admitindo que já existisse, o «Gil Vicente» não censuraria as mulheres que choravam.

O colega sabe que o amor da patria nasce do da familia. Este não destróe aquelle. Uma mãe pode chorar, porque vê partir seu filho para longe e porque desconfia que a morte o colherá no campo da batalha, mas nem por isso condena o amor da patria que o mande caminhar no cumprimento do dever. Exemplos disto não faltam.

Filipa de Lencastre despedia-se de seus filhos, na vespera da partida para Ceuta, que nos abria o caminho da immortalidade, com as lagrimas nos olhos, porque tinha coração e era mãe, e ao mesmo tempo incitava-os a partir, em defeza da Patria e da Fé.

Uma portuguesa pode pois chorar como mãe, esposa, filha, ou irmã e encorajar, como fizeram Filipa e tantas mais, pensando na Patria.

E repare o colega na contradição em que cai. E' lamentavel. Dá a entender numa das perguntas, que as que choraram foram somente as monarchicas, e noutra das suas muito interessantes perguntas, diz que esses choros nada mais eram que odio aos futuros vencedores da Alemanha.

Ora, como, regra geral, quem chora, o faz unicamente pelos que lhe sam queridos, isto é da familia, e como os que venceram a Germania feroz e materialista, foram aqueles que na França, deram o corpo ao manifesto, e não os que por cá ficaram, engrossando o numero dos amigos da Servia, segue-se, que quem venceu os Centrais, foi somente o talassa, e que a sua (dele talassa) familia lhe tinha odio e ao mesmo tempo amor. Tinha-lhe amor, porque chorava. E chorava porque ele partia... E ele partia, para combater a Alemanha, que ficou vencida.

Pois colega, não seja tam injusto, atribuindo unicamente ao monarchico a gloria de ter estado em França. Os republicanos tambem lá estiveram. Dizemos-lh'o nós. Aprenda.

Não podemos censurar, nem censuraremos nunca, as mulheres que assistam ou assistiram a exequias ou missas, porque elas fazem uso dum direito que a constituição garante a todos, e mesmo porque nada temos com as crenças de cada um. Emquanto o colega, nós não disser o contrario, não temos, nem ninguém tem o direito de supor que as missas ou outros actos de culto, não sejam aproveitados unicamente para fins religiosos. Quanto aos tais lencinhos de

que fala, nada dissemos, porque sendo independente o nosso jornal, não quisemos incomodar com a nossa prosa, certas creaturas que sendo republicanas, acompanham das janelas, o tal côro de «Viva o Rei», com os lencinhos.

E se o ir á missa e exequias, é manifestar odio á republica, então muitos talassas ha.

E um conselho por fim, presado colega. Aceite-o. Nunca diga a ninguém, que quem tem odio ao Afonso Costa o tem á Republica. Republicanos conheço eu, que não podem ver o vencido do dezembrismo; e nem por isso deixam de ser tam republicanos como o colega. Ouviu?

## Apoiado!

Um amigo da «Velha Guarda» lembra áquelle nosso estimado collega a conveniencia de fazer um apello á Comissão Administrativa da Camara, para que se leve a effeito o affirmoseamento d'aquelle terreno, que fica em frente ao Quartel do Proposto.

Muito bem! Tem o nosso apoio o amigo de «A Velha Guarda» e oxalá que tomem na devida consideração a sua sympathica e patriótica lembrança.

E a proposito: Alli é que estava mesmo a calhar o edificio para a installação dos Correios, que lhe parece? Longe?!... Ora... Ora...

Na nossa terra não ha longes. Era mesmo alli que devia ser construido o almejado edificio. Mãos á obra, e já, já, uma cartinha a recomendar o assumpto ao snr. Antonio Maria da Silva.

Sim, uma carta para que s. ex.ª fique sabendo a misera estação que Guimarães possui.

Como o illustre Administrador Geral dos Correios e Telegraphos vai ficar assombrado, ao saber que no seu paiz e n'uma cidade tão industrial e commercial, como Guimarães, existe uma estação tão miseravel!

E' original!  
E' phenomenal!  
E' pyramidal!  
Não ha outra em todo o globo!  
E' a nossa vergonha aquelle fóco de infecção!

E' a nossa vergonha, repetimos, e a morte dos pobres empregados que são obrigados a fazer serviço dentro d'aquelle immundo, d'aquelle misero e nauseabundo cubiculo!

Infelizes empregados!  
Desgraçada terra a nossa!  
Abaixo a estação do Correio!  
Abaixo!  
Abaixo!!  
Abaixo!!!

## VERÃO

Ultimas novidades nacionaes e estrangeiras  
Brevemente na  
**Casa High-Life**

## MISERIA

E' desolador e pungente o quadro de miseria e de fome, que quotidianamente se mostra por essas ruas e praças, ante os nossos olhos aterrados.

E' o grande cortejo da desgraça que passa... com creanças ao collo, enfezadas, rachiticas, amarellas, capazes de confranger o coração mais duro.

Tudo está pela hora da morte: se por um lado a situação que a guerra europeia nos trouxe é má, por outro lado a incuria dos governantes de Portugal tornou-a ainda peor.

Os governos em Portugal não tem tempo para tratar dos interesses nacionaes, embrenhados como andam sempre nas luctas partidarias, nas revoluções semanaes, o que faz com que o espaço de 15 dias sem um movimento revolucionario seja um milagre para alguns e um motivo de tedio infinito para outros.

Em Portugal, com magua o digo, só se trata de politica: o tempo não chega para lançar dois momentos de attenção e de estudo para questões tão importantes e tão graves, como as das subsistencias e do custo da vida.

Por outro lado, a ganancia dos que tem que vender é infinita.

Tudo parece andar louco: não se vê, não se nota, o grande vulcão, a enorme tormenta que se está a desenvolver nos horizontes escuros da sociedade, horizontes tão negros e tão cerrados, que nem uma esperança de allivio ou de remedio nos querem mostrar ou conceder.

A vida está insupportavel: e se para subir, tudo foi rapido e celere, para descer, vai tudo por conta gottas, devagarsinho.

E ha coisas que ainda não desceram, antes sobem e se elevam!

Não sabemos, realmente, de que hão de viver as classes trabalhadoras, essa immensa legião de desgraçados e de miseraveis que, ou tem trabalho e ainda assim lhés custa o sustento dos seus e dos filhos, ou é não tem e então... é a suprema desgraça.

Positivamente anda a brincar-se com o fogo.

Não sou socialista, nunca o fui, nem jamais o serei, porque me repugnam essas ideias libertarias, d'uma igualdade impossivel e utopica; mas o que sou e serei sempre é defensor, na medida do justo e do recto, d'essa enorme mole de esfomeados, de rotos, de andrajosos que vagueiam horas e horas á procura d'um pedaço de pão.

Ainda ha dias assistimos ao espectáculo doloroso de uma creança andar pelas ruas á procura das cascas de laranjas que outros tinham lançado fora, e que ella comia soffregamente como se fosse o melhor manjar d'este mundo.

E' urgentissimo, pois, que se olhe deveras para estes graves problemas. Se não se attende, se não se olha para isto, não sabemos o que poderá succeder. A fome não tem lei, e é bom notar que lá fóra, já se vêem as si-

nistras labaredas d'esse ingente incendio social.

Não julgo o operario portuguez, o povo portuguez emfim, capaz de monstruosidades tão barbaras como as que se estão perpetrando na Allemanha e especialmente na Russia.

Mas a miseria é tanta que podem haver elementos perturbadores, recrutados e focos mais avançados e mais irrequietos, que, aproveitando-se do momento, se sintam com a audacia necessaria para copiar figurinos estrangeiros de tão anarchicas feições.

Porisso toda a cautella é necessaria e todas as providencias para suavisar a sorte dos infelizes, são poucas.

O momento actual é difficil: não é preciso ser vidente para se reconhecer que ha fome anemiando familias inteiras, miseria invadindo lares sem numero, tristeza nos corações e nos rostos, mal estar da vida difficilissima de supportar, e acima de tudo, a immensa realidade do custo da vida que sobe, e a dolorosa evidencia da lucta pelo trabalho que falta.

E' esta a verdade nua e crua. Não sabemos fallar com sophismas, com pensamentos encobertos; havemos de fallar a linguagem limpida da verdade e da justiça.

Toda a gente de peso e de senso comprehenderá estas minhas palavras, e mais do que ellas, o grito sincero que se ouve em todos os labios:

E' necessario olhar pela pobreza!

João do Adro.

Seguros maritimos e postaes.

«ATLANTICA»

Companhia de Seguros «Atlantica»

### DECLARAÇÃO

A abaixo assignada vem por este meio agradecer á Companhia de Seguros «Atlantica», com sede na cidade do Porto, a maneira bisarral e altiva como o Ex.º Sr. Altamiro da Silva Santos, digno Delegado em Guimarães desta Companhia resolveu a liquidação dum sinistro de incendio que teve lugar no dia 4 do corrente mez num predio que possui, sito no lugar de Subcarreira, freguesia de Golães, da comarca de Fafe, declaração esta que faz na qualidade de tutora de seu filho, o Snr. José Augusto.

Guimarães, 28 de Março de 1919.

(a) Adelia Augusta Ferreira Dias Brandão.



# O São João de Braga

(continuação)

II

Braga acordou festiva, como é de uso.

São hoje 23 de junho.

Por toda a parte, lambendo o ar quente, ergue-se, sacudido, um turbilhão de bandeiras. São milhares. Distingo-as nos galhardetes, sobre o gradeamento pintalado de cada palanque; junto dos passeios, Avenida fora, ao alto dos grandes mastros caiados; nas nas janelas, em todas as côres, pendendo dos longos paus com lança. Outras, sob os arcos de papel colorido, vistosos, ainda estão subindo. Em mangas de camisa, trabalhando com ansiedade, varios grupos de operarios tão rapidamente martelam a prêcha como rematam um laço nos mastros engalanados. Com tudo as ornamentações pode dizer-se que terminaram.

Descobre-se o sol, ao alto, a espreguiçar-se pelos telhados fora. De qualquer lado, a distancia, ouve-se uma filarmónica — a primeira — que vem tocando o hino tradicional destes dias confusamente alegres, de arraial. Subito, ha um estremecimento nos metaes, que se calaram, e agora, a compasso militar, escuta-se apenas o baquetado monotonico dos tambôres. A sinarada de Santa Cruz associa-se. No alto, no sol, entretanto que os foguetões rebentam, monometaes, os sinos brincam e parece-me ouvi-los cantar:

*levai-me na vossa barca para o Rio de Janeiro.*

A rua anima-se.

Ao fundo, na Arcada, as diligencias trespassam entre os côros dosromeiros, algumas sacudidas a guizos, outras com os ramalhos ondeando um fogo verde de festa, de cavallhada, que arde do misterioso entusiasmo comovido deste povo sem igual no mundo da paganidade e da ternura.

Principiam a abrir-se os estabelecimentos de bebidas, e vae um complicado afao, só minhoto, no emprego dos regadôres, pelos passeios, para o serviço desembaraçado das varrimentas. Depois, os môchos para debaixo das mezas, uma espanadela aos mosqueiros de papel do tecto, sabão e um pano limpo nos espelhos, e aí temos o botequim artanjado, todo tranquilo e fresco, para a primeira freguezia, que é a da aldeia.

Já se confundem os sinos, picando á missa, e o sol toca os passeios, agora, quando as carripanas, rompendo como foguetes, surdem de todas as esquinas, com violeiros no escadorio — uns do fundo, da guela da Rua do Souto, vindos de Viana do Castelo, de Ponte do Lima, do Prado, de Famalicão; da Rua da Agua, com os garranos tomados do peito, os que galgaram a Morreira, despachados de Guimarães e da aldeia sempre-verde das Caldas das Taipas; e escorregando, de cima, de São Vicente, os ultimos, com as pilécas mal tonsadas de Lanhoso e do Bouro.

Com uma hora, gasta a ouvir cantar, a observar os pinchos valentes dos lapuzes, e a vêr, sorrindo, as raparigas a comporem as saias desalinhasdas dos saltos mal sucedidos, eis o milagre! — Braga encheu-se e exulta, e já a primeira nuvensita de poeira ensaia, subindo a tenda de oiro do sol, aquela algazarra jubilosa dos festejos da alta primavera, que na propria confusão pictoral dos seus elementos com tamanho encanto conjugam o maximo imprevisito com a maxima originalidade, resultando sempre um quadro cheio do mais alto poder de absorvessão.

(continua)

Alfredo Guimarães.

Deixar correr!... Deixar correr!...

Ainda não vae ha muito, que chamamos a atenção da Policia para o triste e vergonhoso espectáculo, que todos os dias e a todas as horas se presencaia no Toural, desde as portas da «Chapellaria Académica» até ás da «Casa High-Life».

E apesar do nosso pedido ter sido feito em tom de supplica e quasi a puxar á lagrima, tanto fez como coisa nenhuma!

Foi tempo perdido!

Foi baldado esforço!

Foi mesmo o que se chama prégær no deserto e perder o tempo e o feitio!

A nossa rica Policia, a rica Policia da nossa alma e do nosso coração, como sempre, nem se commoveu, nem se moveu...

E lá continuam a fazer salla, desde pela manhã até á noite, desde o romper da aurora até ao sol poente, os mendigos, os pobres esfarrapados, homens, mulhêres e creanças a pedinchar, a catar-se e a sacudir o asqueroso portador do terrivel exantematico para as pernas de quem tem absoluta necessidade de passar alli.

Alli, alli no Toural, mesmo á beirinha do monumento d'aquelle que foi o maior dos portuguezes — o nosso grande e glorioso D. Affonso Henriques!

Que vergonha!

Que vergonha e que perigo!

Passar n'aquelle largo, que é incontestavelmente o mais lindo, o mais bello e o mais movimentado d'esta cidade, é sentir a impressão clara e dolorosamente nítida de passar no misero bairro de Traz-Gaia ou na fetida rua Donães!

Que horror!

Que horror e que tristeza!

Que triste signa e que má sorte a da nossa terra, da nossa querida e tão amada Guimarães!

E' bem certo: «Quando o fado é rigoroso, nada vale ao infeliz!!!...»

E tu, Guimarães amiga, és d'uma infelicidade pasmosa!...

Mas que fazer-lhe?!

Sim, o que havemos de fazer para evitar aquelle espectáculo de porcaria e de miseria, se a Policia não faz caso dos nossos rógos?!

Dize, querida e adorada Guimarães, o que é que nós havemos de fazer, se a tua Policia e os teus zeladores municipaes, fazem ouvidos de mercador ao que dizem as gazetas e não ligam a minima importancia ás justas reclamações do publico?!

Que continuemos a pedir, a supplicar e a berrar?

Mas pedir, supplicar e berrar para quê?!

Para levarmos com a catana?!

Não! Isso... não!

Podemos levar uma pranchada, e alguns dias de cama ficam agora por um dinheirão!...

Nada!... nada!...

O melhor... o mais prudente... o mais seguro... é fazer como faz a Policia: Deixar correr!...

Biquinho, biquinho muito calladinho, que podem julgar-nos mal intencionados ou darem sentido differente ás nossas palavras, e a nossa casaca já está um tanto ou quanto fora da moda para recepções de embaixadas...

Nada!... nada!...

Tenhamos sempre na mente o que diz o velho dictado: «Cautella e caldos de gallinha, nunca fizeram mal a ninguem.»

Cautella, pois!

Deixar correr! deixar correr!... Deixar correr que isto ainda não é o mais.

O mais e o peor ainda, é uma pessoa ter de andar sempre com o credo na bocca, sempre com trinta mil cuidados para não escorregar, quebrar uma perna ou esborrachar o nariz por causa d'essas maldictas cascas de laran-

ja que se veem por essas ruas fora!

Cascas de laranja, papeis, lixo etc., etc. e etc.

E fallar mal como por ahi falla essa garotada infame!...

Deixar correr!... deixar correr!... Acabou-se!

Morra o conto.

Gil.

## VERÃO

Ultimas novidades nacionaes e estrangeiras

Brevemente na

## Casa High-Life

### CARTAS

dum Descrente politico

Minha amiguinha:

Tambem não ham de ser unicamente as mulhêres as censuradas aqui. O homem tem muito que se lhe possa exprobar. Tem. Dele eu talo tambem hoje. Mas não daquele que ainda vive.

Eu, minha amiga, tenho horror aos vivos. Só me quero junto dos que morreram. Porque estes, como os livros, não enganam ninguém. E os vivos, quasi nunca falam verdade.

O homem, no tempo que passa, só está bem com a hipocrisia e com a mentira e com um egoismo doido, tolo. Fuja deles, fuja, e viva como eu, somente no meio dos livros, que por serem mûdos tam ben nos falam ao coração...

Neles só a verdade tem culto. A mentira não mancha, sem que nós a conheçamos, as paginas de tam fiel amigo, o livro.

E no que não é mais que uma saudade, o passado, coisas ha que me fazem meditar, suspirando, no mal que pode produzir um coração corrompido pelas más politicas. Treme-se de horror e de medo, ante tam grande hediondez. Uma acção má, sempre é tam feia...

A minha boa amiga, certamente já ouviu falar dos Casamentos republicanos de Nantes. Ouviu, estou disso convencido.

Pessoas de todas as idades, sexos e condições, atadas face a face, subiam á tolda dum navio, e depois eram afogadas no Loire. Creanças eram atiradas de mão em mão, voavam de baioneta em baioneta. Rapazes eram queimados vivos, alguns de dez anos de idade. Mulheres infelizes, sentiam o fio duma baioneta rasgar-lhes o ventre, para matar inocentes ainda em germe. Outros, porque protestavam, eram, uma fila imensa, conduzidos a pé, a Pariz, atados dois a dois, num escarneo, numa maldição. Atroz não era?

E de quando em vez ouvia-se o som dos tiros, que nas esplanadas de Nantes victimavam escravos duma ideia. Que cheiro a polvora e a fumo e a sangue e a lodo! Que miseria... Dez mil, trinta mil... mais, muito mais.

De quando em vez ouvia-se o som dos tiros, que nas esplanadas de Nantes victimavam escravos duma ideia. Que cheiro a polvora e a fumo e a sangue e a lodo! Que miseria... Dez mil, trinta mil... mais, muito mais.

La-se ao martirologio cristão, à depravação do imperio romano, no tempo do parricida Nero, ou do leproso retirado de Caprea, para reviver supplicios, de tam negregada lembrança. Porque havia nessa ocasião um homem que tinha no assassinio uma filosofia, no sangue a sensualidade, é que



# Em Foco

Entregue ás vagas e silentes meditações do meu cerebro, n'uma hora enfastiosa de insonia, procurava furtar ás divagações este-reis do meu pobre e fraco pensamento, a lembrança de quem devia ocupar hoje este pedestal de encantos, quando pela minha mente, um tanto absorta, volitou misteriosamente, com a rapidez d'um relampago, uma figurinha esbelta de mulher, representando o symbolo da belleza.

Então, ante os meus olhos, embaciados pela nebellina escura de idealisações chimericas, principiou a apparecer envolta em nuvens azuladas, produzidas no ceu da minha phantasia, um anjo de candura e de pureza, uma jovem formosa e captivante, com sorrisos de santa, meigos e acariciadores, de olhos lindos, muito vivos e espertos, tremeluzindo como as aguas d'un mar sereno, n'uma encantadora e amena tarde de estio.

Como era affavel o seu sorrir e doce o seu olhar!

Os cabellos, da côr da noite escura, caiam-lhe em formosa trança sobre as costas.

Vestia de preto; e aquelle corpo tão bem feito, dotado d'uma elegancia ponderavel, ornado por uma perfeita cabecica de creança, dava-me a verdadeira impressão, n'essas minhas utopicas imaginações, de que Venus — a deusa da Belleza —, havia descido á terra e com os seus olhares e sorrisos de santa, procurava sanar feridas de amor ou dôres de coração.

Mas não; esse anjo de candura e de pureza, essa jovem formosa e captivante, que n'esa hora monotona de insonia, havia surgido imaginariamente ante meus olhos, era Maria da Gloria, uma sympathica e galante filha desta nossa querida Guimarães.

Era essa gentil menina, que habita na esireita rua de Val-de-Donas e que muitas vezes, vemos, ao passar pela rua 31 de Janeiro, no seu agradável quintal, aspirando o ar embalsamado pela brisa fagueira e o perfume inebriante das flôres.

Era essa fresca imagem de creança, que, na Invicta cidade, tem uma mana estudiosa e intelligente, fazendo o curso da Escola Medica e um mano amigo, dedicando-se á vida commercial.

Era, enfim, Maria da Gloria, filha estremecida d'un considerado industrial desta cidade.

RUY SEVERO.

JOÃO DO ADRO.

Elle ahi está!  
De oculos d'aro d'oiro, o seu ar physionomico de tédio infinito, o guarda-pó cintado — modelo dernier cri — vae servindo a freguezia com todas as deferencias, mas tendo sempre em vista as figuras feminis que pela sua rua vão passando.

Chama-se Alfredo, só fuma de noite com excepção dos domingos, e tem uma predilecção extraordinaria por uma Deolinda de olhos meigos e de porte fragil que é o seu enlevo e a quem chama Deusa...

De resto, é bom rapaz; aparte umas embirras, uns desvios constantes de opinião, é amigo do seu amigo e está sempre prompto para pandegas, para fitas e muitas coisas mais...

Habita na rua da Republica.

Frequentemente, apesar de ser simples de costumes, apparece-nos um verdadeiro pedante: de linda bota amarella, ramo de violetas na botoeira, (às vezes uma camélia de côr enigmatica ou que parece ter contrahido a pneumonica), de cigarro ou até mesmo de charuto irreverente nos labios coloridos, ninguem diria ao vê-lo que vae alli um rapaz modesto e sem affectações.

E' namorador, mas tem um horror incrível ao casamento que intitula de burla; gosta de mulhêres mas não sei porque razão chama-lhes estatuas de veneno e de lama.

Tem frequentemente ousadias inexplicaveis, nem outra coisa se pode chamar ao acto de ter ingerido — deixae passar o termo — no dia 16 do mez corrente, uma esbelta, uma esphygmica orelheira de suino, totalmente eclipsada nas suas entranhas olympicas de industrial.

E agora desculpa a rudeza das minhas palavras, mas tinhas que cahir cá... tem paciencia!

tantos morriam, após tam tristes agonias.

E isto passava-se no periodo agudo da grande loucura.

Todas as epocas da historia têm os grandes do Crime. E a Convenção mandava os seus representantes incendiar o paiz, desastá-lo, talá-lo, queimá-lo. Ficariam unicamente os convencionaes, no meio do grande deserto, numa atmosfera de carne queimada? Seria o mesmo. A Ideia estaria salva. Os elementos gosalla-iam, se os homens não vivessem já... O tiro, não dizimava tantos quantos devia?... O afogamento em massa taria o resto. E os navios, feitos a proposito, com uma valvula, afundavam-se a um sinal de Lambertye...

E enquanto, Carrier, o homem

que incendiou Nantes, que matou homens, mulhêres, creanças, passeava em barco lindissimo, no meio das amantes e do prazer e do goso. Erãmulhêres que, como Cleopatra ou Teodora, o beijavam por sobre aquelas ondas de sangue... E Carrier, com uma ideia fixa, que era matar, matar agora e sempre, tinha o apoio decidido de Pariz.

Os seus talentos? Nenhuns, Culpas das victimas? Não pensarem como ele.

E depois digam que nós não vivemos a vida dos que já foram...

Seu afeiçoado,

RODOLFO.

Seguros contra fogo e roubo.

«ATLANTICA»



**EXPEDIENTE**

Tendo terminado com o ultimo numero o segundo trimestre do nosso semanario, prevenimos os nossos assignantes que vamos proceder á cobrança, esperando, como sempre, o seu bom acolhimento.

Aos assignantes de fóra da cidade, rogamos o favor de evitar a devolução dos recibos, que alem do transtorno causado, nos vem prejudicar bastante, em virtude do grande augmento na taxa dos titulos a cobrar.

**As coisas encaminham-se!...**

As coisas encaminham-se!... Agora parece que sempre vae!... Queiram ter a bondade de ler o que diz a respeito da nossa imunda estação do Correo a «A Velha Guarda» orgão local do Partido Republicano Portuguez. Leiam, leiam!

**«A Estação dos Correios e Telegrafos»**

Tem o nosso presado colega local «Gil Vicente» sustentado, de há muito, uma campanha contra o estado em que se encontra a estação dos correios desta cidade.

Nada mais justo. E nós, que desejamos também contribuir para o progresso da nossa terra, juntamos a nossa voz á sua, para que num grande clamor, que chegue até aos ouvidos de quem compete, faça desaparecer aquelle acanhado antro, perigoso foco de infecção, que nem serve os interesses do público, nem os do pessoal, que é obrigado a ali permanecer.

Quem se der ao trabalho de percorrer as terras mais sertanejas do nosso país, com certeza não encontra uma estação do correio tão ordinária como a de Guimarães. Aquilo é uma vergonha não só para nós, como para os estranhos que nos visitam.

Ainda há dias, falando nós com um distinto official do exercito que se encontra nesta cidade, fazendo parte das tropas aqui em operações, lhe ouvimos as mais desagradáveis e pouco lisonjeiras referências acerca daquelle indecente alforja.

Porisso, daqui chamamos a atenção de quem superintende neste importante ramo de serviço público, para que se procure uma instalação condigna para a nossa estação dos Correios, visto que, as povoações das Taipas e Vizela, que tem um reduzido movimento, possuem umas estações muito superiores, em tudo, á nossa.

Se não houver aqui um edificio onde se possam instalar os serviços postais, construa-se então um prédio para esse fim, como se vá fazer na vizinha cidade de Braga, onde se vão gastar, crêmos, cem contos.

E' preciso não protelar por mais tempo esta questão que está a envergonhar este centro tão industrial e comercial e nós não largaremos de mão o assunto enquanto não forem attendidas as nossas reclamações.

A. R.

Muito bem, sr. A. R. !  
Muito bem !

E' assim mesmo !  
Não descure o assumpto, que nós promettemos não descançar um só momento, enquanto que Guimarães não for dotada com uma estação decente e a que tem o mais legitimo dos direitos.

Força ! força !  
Guimarães é uma cidade portuguesa e os vimaranenses também pagam contribuições !

E' preciso acabar com aquelle foco de infecção !

E' uma necessidade terminar o quanto antes com aquella pocilga !

Urge pôr ponto aquella vergonha das vergonhas !

Abaixo a espelunca !  
Abaixo aquella infamissima imundicie !

Abaixo !!!



**Anniversarios**

Durante esta semana fazem annos as Ex.<sup>mas</sup> Srs.:

- Dia 4—D. Luiza Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).
- »—D. Constança Victoria d'Abreu de Lima (Paço-Vedro).
- »—D. Violante de Barros (Vilia Pouca).
- »—D. Maria Magdalena Barreira.
- » 6—D. Maria Manuella d'Abreu de Lima (Paço-Vedro).
- »—D. Maria Izabel d'Oliveira Costa.

E os Srs.:

- Dia 3—Luiz Ribeiro de Faria.
- » 6—Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães.

—Parabens.

**Chegadas e Partidas**

Esteve ha dias entre nós, o Sr. Camillo Alves d'Almeida, conceituado negociante em Vianna do Castello.

Regressou de Lisboa, o Sr. Manoel Caetano Martins, considerado negociante d'esta praça.

Regressou de Coimbra, o nosso dedicado amigo, Sr. Marcelino Fernandes, alumno da Universidade.

De visita a seus paes, encontra-se entre nós, onde espera demorar-se até meados de Junho, o Sr. Albano de Souza Guise, importante negociante do Rio de Janeiro.

De visita a seu genro, o nosso amigo, Sr. Rufino Esteves, esteve ultimamente em Urgezes, o Sr. Dr. Antonio Marques do Silva Lopes, que n'outros tempos exerceu aqui com subida distincção a advocacia.

Com alguma demora, encontra-se entre nós, o Sr. José Marques Coelho e sua ex.<sup>ma</sup> esposa, grandes benemeritos das casas de beneficencia d'esta cidade.

Vimos hontem nesta cidade o Sr. Dr. Antonio de Freitas Ribeiro, nosso distincto conterraneo e illustre juiz de Direito, em Felgueiras.

**Delegação em Guimarães**

*Largo do Dr. Sidonio Paes.*

**Vida Bitteraria**

**Trindades**

Não sei de momento mais triste, mais sentimental, mais solemne, do que aquelle em que os sinos tigem, chorando Avés-Marias, o piedoso *Angelus* !

Instante de Saudade esse com que bronzes, lá longe, repercutem seu gemido de quebrada em quebrada, avivando recordações, lembrando dores, renascendo maguas...

Quem ha na terra que n'esse instante se não sinta elevado a insondaveis regiões, nas azas d'uma nostalgia profunda, nos braços d'uma crença sincera ?

Quem não sente n'essa hora um não sei quê de divino, de immortal dentro de si ?

Trindades ! Hora de suavidade e de paz, em que parece descer do ceu á terra uma luz bem dita de graça divina, uma esperança fagueira de paz, de silencio, de amor...

Creancinhas, nos lares humildes, rezam, erguem as tenras mãosinhas para o ceu, pedindo em orações, na sua bella e sempre ouvida innocencia, o socego para toda a terra, a felicidade para todos os homens.

Deixae-as orar, porque são anjos, porque são vozes que sobem até Deus !

Deixae-as orar homens profanos, que não podeis comprehen-

der o que é a innocencia... deixae... porque a noite já vem assistir aos grandes funeraes do dia, e as Trindades depressa se esvahirão na amplidão do espaço, nos labios frios e pesados dos grandes bronzes da ermida...

Trindades ! Já o sino, ao longe, n'um murmuro, n'um vagido, chorando de tristeza, solta a derradeira badalada: Trindades !

E o echo, repercutiu muito ao longe, nas encostas, um lamento: Trindades !

Já o dia vae morrendo também, lá nos poentes dolorosos, onde a noite vae apparecendo em vibrações de silencio e de angustia, com seu cortejo de estrellas, de luar, de reverberações luminosas !

Guimarães  
1919.

João do Adro.

**A ABANDONADA**

(Elegia de origem andaluza)

Sou donzela abandonada,  
A desdita me acompanha;  
Ful deixada na montanha  
Sem pão, sem lar, sem pousada;  
Tão nova ful sequestrada  
Aos jardins do sul da Espanha.

Sob o ceu da Andaluzia,  
Terra de encantos e amores,  
Tinha sorrisos não dores,  
Tinha só paz e alegria.  
Mas eis que chegara o dia  
Dos meus cruéis amargôres.

Perdi do lar o carinho,  
Já não tenho a minha mãe;  
Ful correr montes, alem,  
Fiquei qual ave sem ninho;  
E desde então, sem ninguém,  
Comoçou meu descaminho.

Era em manhã purpurina  
D'uma aurora renascente,  
E na longinqua corrente  
Que serpava a campina,  
Uma linfa cristalina  
Murmurava docemente.

E por entre a luz do sol  
Que illuminava os valados,  
Ovi da aurora os trindades  
Celebrando o arrebol;  
Vi a frente ao gira-sol  
Vi rouxinôes namorados.

Mas, contemplando os encantos  
E da natureza o esplendor,  
Senti-me morrer de amor,  
E, os olhos cheios de prantos,  
Quiz procurar em meus cantos  
Um alivio á minha dor.

Porque não posso eu mãe,  
Disse então miul desolada ?  
Porque assim abandonada,  
Vivo sem possuir ninguém ?  
Porque não tenho eu morada,  
Se mesmo as ayes a tem ?

Bato á porta dos solares,  
Implorando compaixão;  
Canto uma linda canção  
Para atrair os olhares,  
E a minha triste oração  
Fere inutilmente os ares.

Sou donzela desditosa,  
Choro o ceu da Andaluzia;  
Tenho de ella nostalgia  
E á minha patria saudosa;  
Dá-me as azas mariposa  
Para poder vê-la um dia.

Guimarães, 1919.

SIMENTOR.

**Anna Julia Mendes**  
(Lucas), participa ás suas Ex.<sup>mas</sup> amigas e freguezas, que mudou o seu atelier de modista para a Praça D. Affonso Henriques, n.º 14, junto ao Grande Hotel do Tournal.

**Seguros contra greves e tumultos.**



**Por Guimarães**

**Procissão de Passos**

Somos informados que no proximo domingo, 6 de Abril, sairá, na forma dos annos anteriores, a magestosa procissão de Passos, sem duvida, a mais imponente de todas as procissões que se realizam n'esta cidade.

Attendendo ao entusiasmo e boa vontade da commissão organizadora para tal fim, é de esperar que esse cortejo religioso, seja revestido de grande brilhantismo.

**Baptizado**

Na igreja parochial de S. Sebastião, d'esta cidade, baptisou-se no domingo passado uma filhinha do tenente de engenharia, Sr. José Bernardo Corte Real e da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Francisca Queiroz.

Foram padrinhos a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Delmina Queiroz e o Sr. Antonio da Costa Guimarães, por procuração de seu pae, Sr. Alvaro da Costa Guimarães.

A creança recebeu o nome de Maria Joanna.

**Recita**

Dizem-nos que um grupo de sympathicos da nossa elite, rapazes promove para breve uma recita, no Theatro D. Affonso Henriques, cujo producto reverterá em beneficio dos pobres d'esta cidade. Muito bem !

**Nascimento**

Teve ultimamente a sua delirante, dando á luz uma robusta creança do sexo masculino, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Aida Teixeira Nunes de Souza, dedicada esposa do nosso presado amigo, Sr. Antonio Lopes de Carvalho. Os nossos parabens.

**Colegio de N. S.<sup>a</sup> da Conceição**  
CAMPO DA FEIRA

Cursos praticos de linguas e corte

Para meninas que desejem desenvolver e completar a sua educação, abriu-se um curso pratico de linguas, estando já a funcionar o de francês, dirigido por pessoa competentissima, que viveu largos annos na França e Alemanha.

Tambem está funcionando o curso especial de corte e execução, dirigido por pessoa bem habilitada.

Recomenda-mo-lo ás nossas leitoras.

**Falta de espaço**

Por absoluta falta de espaço, fomos obrigados a retirar bastante original, entre elle o promettido artigo sobre o divorcio.

**Obras litterarias**

Da casa editora Belem & C.<sup>a</sup>, de Lisboa, recebemos ultimamente, o primeiro tomo das obras seguintes: «A Avó», «A Martyr», e «Pecados da mocidade».

Os dois primeiros romances, da autoria do popular escriptor francez *Emile Richebourg*, são, sem duvida, duas verdadeiras joias litterarias, muito recommendaveis, devido á belleza da concepção, ás commoventes impressões e grandissimo interesse, que o autor faz sentir aos seus leitores.

«A Avó», tendo alcançado um

exito extraordinario, acaba de ser publicado em 3.<sup>a</sup> edição.

A assignatura destas excellentes obras, que se acham em principio de publicação, é feita aos tomos mensaes de 100 reis, ou ás cadernetas semanaes de 20 reis.

«Pecados da Mocidade», notavel romance de A. Contreras, é um verdadeiro poema de amor, em que se descrevem, em scenas dramaticas e profundamente impressionantes, as luctas e as vicissitudes, e ao mesmo tempo também as grandes generosidades e abnegações d'esse sentimento, que é o mais nobre, o mais interessante e o mais legitimo de todos os que se geram no coração humano.

Dizer que o romance «Pecados da Mocidade», é devido á pena do inspirado escriptor A. Contreras, é de certo fazer o seu maior elogio.

O 1.<sup>o</sup> tomo deste notavel trabalho, já nos primeiros capitulos, prende immenso a attenção do leitor.

A assignatura pode ser feita aos fasciculos de 40 reis, ou aos tomos de 120 reis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

**Belem & C.<sup>a</sup> Succ.**

Rua da Era, 15-1.<sup>o</sup>

LISBOA

**Mas que luxo!?**

Cá vou seguir meu destino Limpinha como fu vês; Levô da AVA este embrulho De Guardasois que me fez.

**Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães**

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

O dividendo desta Companhia relativo ao ano de 1918, na razão de 15 % ou 15\$00 por acção, paga-se a contar do dia 28 do corrente, em Braga no Banco do Minho, no Porto na Caixa Filial do mesmo Banco, ás segundas, quartas e sextas feiras, desde as 11 ás 13 horas, e em Guimarães em todos os dias uteis, desde as 11 ás 14, na sede da Companhia, Avenida Miguel Bombarda (antiga da Industria).

Guimarães, 24 de Março de 1919.

Pela Comp.<sup>a</sup> de Fiação e Tecidos de Guimarães

Os Directores,

*Augusto José Domingues de Araujo.*

*Manoel Martins Barbosa de Oliveira.*

*Guilherme R. Lickfold.*

**GRAND PRIX**  
CONTRA  
DEBILIDADE  
NUTRITIVO DE CARNE  
O MELHOR TOMICO  
QUE SE CONHECE  
TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS  
PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS  
AVENDA  
EM TODAS AS PHARMACIAS

Premiado com medalhas de ouro,  
Lisboa 1888,  
Paris 1889,  
Belem 1893,  
Amvers 1894,  
Londra 1904,  
Rio de Janeiro 1906,  
Mostruario Industrial, Paris, 1905.

Pedro Franco & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>  
**RUA DE BELEM, 147-LISBOA**





**Contra a debilidade**  
**Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franco**

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituinte, de mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e nas que, em geral, carecem de forças no organismo. É ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas e creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.  
**Pedro Franco & C.ª L.ª**  
 DEPOSITO GERAL  
 RUA DE BELEM, 147-LISBOA

**GRANDE PRÉMIO**  
 O MAIOR PRÉMIO DA EXPOSIÇÃO DE LISBOA 1904  
 FECHADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:  
 LISBOA 1898  
 LISBOA 1904  
 LISBOA 1906

**Xarope Peitoral James**  
 MINISTÉRIO INDUSTRIAL PORTUGUEZ 1914, ETC.

Cura infalível de todas as tosseas, mesmo as mais rebeldes, bronchites crónicas e agudas, ataques asmáticos, etc. Mais de 50 annos de existencia e o melhor atestado. Aproveitado pelo Conselho de Saúde e Higiene de Portugal e pela Inspectoria geral de Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS  
 RUA DE BELEM, 147-LISBOA

**CASA NEVES**  
**MERCEARIA E CONFEITARIA**

Especialidade em artigos finos  
**BEBIDAS. QUEIJO DA SERRA.**

**CASA DUARTE**

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Lanifícios, tecidos d'algodão e bonés. Variado sortido de casimiras e outros tecidos para homem, senhora e criança. Zefires, riscados, cotins, panos brancos e crus, atoalhados, chales, colchas, cobertores, camisas, gravatas, etc.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO  
**Manoel A. Pereira Duarte**  
 RUA 31 DE JANEIRO  
 (antiga de Santo Antonio).  
**GUIMARÃES**

**FABRICA DE CORTUMES**  
 E  
**Armazem de sola e cabedaes**

onde se encontram todos os artigos para sapataria e tamancaria

**Antonio Antunes de Castro**  
 38 - Largo do Trovador - 45  
**GUIMARÃES**

Sapataria e officina de calçado de todas as qualidades

**José Joaquim da Silva**  
 RUA EGAS MONIZ, 10 a 16 (Antiga Rua Nova do Commercio)  
**GUIMARÃES**

**Sapataria Elegante**  
 - DE -  
**ARTUR D'OLIVEIRA SEQUEIRA**  
 Sortido completo de calçado para homem e senhora  
 Largo Dr. Sidónio Paes - **GUIMARÃES**

**SAGRES** Companhia de Seguros Lusobrasileira.  
 Capital 2.000.000\$000  
 Seguros marítimos, terrestres, incendios, agricolas postaes e contra greves, tumultos e roubos.  
 Sede: Rua de S. Julião, 19-2.º - LISBOA  
 Correspondente em Guimarães - Jeronymo Ribeiro da Costa Sampaio.

Consultorio Dentario  
**Garcia d'Andrade**  
 98 - Avenida Candido dos Reis - 98  
**GUIMARÃES**

**ALFAIATARIA**  
 DE  
**RIBEIRO & PINTO**  
 Rua de Santo Antonio - Guimarães

**LONDRES EM GUIMARÃES**  
 ALFAIATARIA DE  
**Ribeiro & Bastos**  
 Confeccões para homem senhora e creança  
 Largo 1.º de Maio, 13 a 21 - **GUIMARÃES**

**A Azia**  
 e as  
**Dores do estomago**  
 desaparecem tomando uma e duas horas de pois de cada refeição, dois comprimidos de *Bicarbonato de Sodio Composto "Sanitas"*

**A Enterocolite muco-membranosa**  
 e a  
**Prisão de ventre**  
 curam-se, seguindo uma dieta especial e tomando meia hora antes de cada refeição, um ou dois comprimidos de

**Lactosymbiosina**  
 com um copo de agua assucarada

OS  
*Gazes do estomago e dos intestinos*  
 e as  
**Digestões dolorosas ou demoradas**  
 Curam-se completamente, tomando no meio de cada refeição, um ou dois comprimidos de *Carvão Naphtolado e Anisado "Sanitas"*

Estes medicamentos acham-se á venda nas boas pharmacias e no deposito de Lisboa: *Neto, Natividade & C.ª* - Rocio, 121, 122 - Pedir instrucções, que serão remetidas na volta do correio ao

**LABORATORIO "SANITAS"**  
 T. do Carmo 1 - Lisboa

1.º Anno Numero 25  
**GIL VICENTE**  
 Semanario defensor dos interesses locais - (Humolstico, Litterario e Noticioso).  
 Ex.º Srr.